

O Deus da Clara

Evaristo E. de Miranda

20/03/2007

Um casal amigo, do Rio de Janeiro, teve seu primeiro filho. Uma menina atilada e esperta, a quem deram o nome de Clara, aquela que tem o brilho do dia. O meu livro “Água, Sopro e Luz” ajudou na preparação do batismo da criança. A palavra claro evoca o sonoro (para o ouvido), o brilhante ou nítido (para os olhos) e o manifesto e inteligível (para o espírito). *Clarissimus* era o título dado, na época imperial romana, às pessoas de qualidade. O nome da menina, que veio iluminar a vida desses amigos, é um convite franciscano para um passeio pelo brilho dos nomes do divino.

Em latim, a raiz *die* significa brilhar. Dia toma sua origem em *dies* e significa “céu em plena luz ou na plenitude da luz”. Disso derivou o primeiro significado de dia, como luminoso, em oposição à *nox*, noite. Posteriormente, a palavra representou o espaço temporal de um dia e, enfim, a duração ilimitada, em dias e dias. Da mesma raiz, *diu*, (presente em diu-rno, por exemplo) encontramos o significado de Júpiter, *Ju-ppiter* ou *diu-pitter*, literalmente “senhor do céu em plena luz”. Mas essa plenitude da luz ilumina também o nosso cotidiano pela raiz *die*. São palavras como meridiano (*meri-die*, no meio do dia), hodierno (*hodie-rnus*, de hoje, do dia de hoje), cotidiano (*cotti-die* para *quoque die*, cada dia) etc.

Da mesma raiz deriva deus (*deiv-us*, *dius*) e designa o habitante do céu luminoso, em oposição ao *homo*, habitante do solo terrestre. O feminino toma conta da palavra deus em Diana (*Di-ana*), a lua, a própria luminosidade. Designar o Incrindo, o Absoluto, pela palavra Deus, evoca - pelo latim - a iluminação, o ver claro, o brilhar e a luz do dia. “Eu sou a luz do cosmos, quem caminha comigo não estará nas trevas mas na luz da Vida”(Jo 8,12).

É curioso que - pelo grego - a palavra Deus (*théos*) venha de contemplação. Pela mesma raiz temos teoria (ação de contemplar, examinar), o que permite ver claro ou com clareza num determinado fenômeno. Pelo grego, Deus é aquele que nos permite ver claro, ver à luz do dia. Ao batizar a Clara, seus pais e amigos decidiram agir simbolicamente sobre a criança e não “teorizar” sobre seu futuro. Clara é uma abertura, pela qual o sopro divino reacendeu brasas adormecidas no mais interior e profundo do coração de seus pais. O

batismo não é uma teorização mas uma teose, um rito de divinização, de deificação da criança. Pela estrada grega ou latina, quem tem uma experiência pessoal de Deus em sua vida, vê claro e caminha na luz.